

**Anuário de Literatura**

Volume 15

Número 02

MASSIMO BONTEMPELLI:  
TRAJETÓRIA INTELECTUAL

Arivane Augusta Chiarelotto  
Mestranda em Literatura – UFSC

**RESUMO:** O italiano Massimo Bontempelli [1878-1960] é um escritor que, ao longo da carreira, conquistou uma fama controversa. Classificado de intelectual a serviço do fascismo, sua abordagem no campo literário é de natureza contestadora em relação a tradição Oitocentista. Além disso, sua trajetória resulta polêmica porque demarca a associação às vanguardas italianas insurgentes nas primeiras décadas do século XX. Tomadas as vanguardas pela sua gênese conceitual, Bontempelli esteve ligado a dois movimentos de grande impacto no contexto italiano: o futurismo e o fascismo. Neste trabalho abordaremos a sua inserção política, analisando aspectos de sua participação no cenário italiano que envolve a adesão e, posteriormente, o rompimento com o partido fascista.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Novocentismo*; vanguardas; Massimo Bontempelli.

Massimo Bontempelli [1878-1960] é um italiano que, na primeira metade do século XX, atuou no contexto cultural e político de seu país, destacando-se principalmente pela atividade intelectual. No âmbito cultural, sua participação se dá por meio do trabalho jornalístico, da obra ensaística, das narrativas de naturezas diversas, tais como contos, romances, dramaturgia e poesias e também da tradução. A referida participação implica também a vinculação com o partido fascista, ato representativo para que sua obra narrativa fosse concebida pela crítica como uma espécie de extensão das estratégias culturais do regime, aquelas que consolidaram consensos e ajudaram a “amalgamar” a sociedade italiana no período entreguerras.

Assim, Bontempelli é um escritor que ao longo da carreira conquistou uma fama controversa, tanto porque assumiu uma posição contestadora dos padrões literários de seu país, quanto porque associou-se ao fascismo e ao futurismo, duas polêmicas vanguardas italianas insurgentes nas primeiras décadas do século XX. Nessa matéria, tomar-se-á as vanguardas pela sua gênese conceitual a qual, segundo Asor Rosa (2009), abrange desde o partido político até os movimentos literários que confrontam as tradições linguísticas, estilísticas e temáticas precedentes. O autor resgata a natureza do conceito que se relaciona ao movimento militar de combate ao inimigo e explica o seu emprego no campo cultural como um desdobramento histórico que se concretizou no século XIX e que, mais tarde, particularmente no século XX, acomodou uma concepção política:

*[...] nel Novecento, la parola ebbe anche un uso politico-ideologico: per esempio, in ambito marxista e para-marxista, si definì avanguardia l'organizzazione che precede le masse e dà loro la linea. Così fu detto e pensato come un'avanguardia il partito (sia di destra sia di sinistra).* (ASOR ROSA, 2009, p. 207).

Desse ponto de vista, interessa para este trabalho analisar os desdobramentos da participação política do escritor no contexto italiano, compreendendo a determinação histórica que o levou a colocar-se a serviço do fascismo, e que, posteriormente, o converteu em grande inimigo do regime. Assim, deseja-se problematizar as perspectivas de sua inserção na atividade intelectual, e analisar o pressuposto de que se valera da área política, para alcançar seus objetivos na área artística. Para desenvolver tal discussão analisaremos sua participação política no contexto do entreguerras considerando-se os eventos políticos igualmente implicados às atividades narrativas. O desafio consiste, pois, em apreender o entrecruzamento de forças que neles se estabeleceram.

### **Massimo Bontempelli e a função de intelectual**

A inserção político-partidária de Bontempelli implicou a adesão ao movimento fascista italiano antes mesmo de sua ascensão ao poder.<sup>1</sup> Em 1919, ele participa da fundação do *Fascio Politico Futurista di Milano*, uma manifestação de apoio ao movimento liderado por Mussolini, aquele que depois se converteria num partido político de faceta revolucionária. Os críticos italianos Baldacci (2004) e Petrônio (2000) concordam que Bontempelli inicialmente acreditava que o fascismo pudesse ser a saída para os problemas da Itália e o curso dos eventos demarca o grau de envolvimento do escritor com a tarefa partidária.

Estudar a ligação do escritor com o Partido Fascista exige alguma ponderação sobre o significado deste movimento político, que se consagrou como um regime totalitário e manteve-se no comando da nação italiana por vinte e um anos. Bontempelli esteve associado a essa ideologia por mais de uma década, colaborando explicitamente com o regime inclusive por meio do trabalho jornalístico. Bontempelli, tais quais outros artistas da época,<sup>2</sup> vira no fascismo um caminho para inserir a Itália na onda da modernidade no período pós-guerra, valorizando seu caráter revolucionário pela prática conservadora.

Uma escolha controversa, já que o fascismo é um regime que representou um estado de exceção. O estado de exceção é a condição análoga a “uma guerra civil legal, que permite a eliminação física não só dos adversários políticos, como também de categorias inteiras de cidadãos que, por alguma razão, parecessem não integráveis ao sistema político.” (AGAMBEN, 2004, p. 13). O estado de exceção, definido por Agamben, associa-se ao pressuposto da conformação de *uma guerra civil mundial*, expressão empregada primeiramente por Hannah Arendt, em 1963, no seu livro *Sobre a revolução*. O comprometimento ideológico do estado de exceção é objeto de análise de Agamben, que o historiciza

Diante do incessante avanço do que foi definido como uma “guerra civil mundial”, o estado de exceção tende cada vez mais a se apresentar como o paradigma de governo dominante na política contemporânea. Esse deslocamento de uma medida provisória e excepcional para uma técnica de governo ameaça transformar radicalmente – e, de fato, já transformou de modo muito perceptível – a estrutura e o sentido da distinção tradicional entre os diversos tipos de constituição. O estado de exceção apresenta-se, nesta perspectiva, como um patamar de indeterminação entre democracia e absolutismo. (AGAMBEN, 2004, p. 13).

O fascismo foi um estado de exceção que se estabeleceu na Itália como uma promessa revolucionária assentando-se por meio da aliança entre expoentes liberais, católicos e alguns representantes moderados do Partido Fascista, um pacto conservador e reacionário que ganhou adesão das massas

---

<sup>1</sup> O fascismo nasce oficialmente em 23 de março de 1919, em Milão. Com o *Congresso di Roma*, de 9 de novembro de 1921, o fascismo se converte num partido político e, após a *Marcia su Roma*, de 28 de outubro, o Rei Vittorio Emanuele III nomeia Benito Mussolini para formar o novo governo. Em 25 de julho de 1943, oficialmente registrou-se a queda do regime recolocando-se o poder ao Rei.

<sup>2</sup> Como Palazzeschi, Pirandello, Vittorini e Bobbio, por exemplo, que também se associaram ao Partido Fascista logo nos anos 1920.

em razão da significativa desordem política e social que assolava a nação no pós-guerra. No início da década de 1920, a Itália ainda vivia o caos provocado pelo envolvimento na primeira guerra mundial que, segundo TRERÉ; GALLEGATI (1985) implicou uma profunda prostração social e cultural que levava todos os segmentos sociais a almejar ordem e equilíbrio tanto econômico quanto político. Benito Mussolini foi o nome que despontou no meio político quando da necessidade de enfrentamento do Estado perante o movimento reivindicatório suscitado principalmente por representantes dos segmentos liberais e, eminentemente, burgueses.<sup>3</sup> Ao associar-se ao partido, em 1924, Bontempelli comprometeu-se com essa ideologia. Depois disso, a carreira do escritor implicou eventos importantes, tais como: a nomeação como Secretário Nacional do *Sindacato Fascista Autori e Scrittori*, em 1928; a nomeação de membro *dell'Accademia d'Italia*, em 1930; que, no curso deste ano e do ano seguinte, vivesse em Paris, atuando como jornalista, atividade esta que o levou a viajar pelo mundo, entre anos 1932 e 1934, a serviço do governo italiano. Nas viagens pelo mundo, em países como Egito, Grécia, Espanha, Bélgica, Escandinávia, Romênia e em regiões continentais tais como Europa Central e América do Sul, ele ministrava conferências e

---

<sup>3</sup> O fascismo manteve-se no poder por vinte e um anos – o chamado *ventennio fascista* – graças ao pacto que se estabelecera entre as classes políticas, representadas principalmente pelo Rei Vittorio Emanuele III, de um lado e, de outro, pelos liberais e conservadores que se sentiam ameaçados pelos princípios marxistas que, sobretudo depois da revolução russa, disseminavam-se entre as classes populares sob os auspícios também dos intelectuais. (TRERÉ; GALLEGATI, 1985).

participava de debates culturais sobre literatura e cultura italiana, servindo, pois, de elo; mediava, assim, a comunicação entre o *Duce* e o homem local. Quando em viagem para Argentina e Brasil, levou uma mensagem e de lá colheu dados culturais que forneceu ao regime por meio de um Relatório de viagem denominado *Intorno alla cultura italiana nel Sudamerica*, entregue ao *Duce* em dezembro daquele ano.<sup>4</sup>

É possível asseverar portanto sobre o papel articulador exercido pelo escritor em face dos eventos históricos que se sucederam em torno do regime totalitário italiano, aquele que bem soube empreender na estratégia de expansão de suas concepções por meio do trabalho dos intelectuais. Contudo não se pode desconsiderar o interesse pessoal de Bontempelli no tocante às atividades desenvolvidas, já que a natureza da função de intelectual não corresponde a uma relação unilateral.

O que é um intelectual? Essa é a pergunta que se colocou os filósofos Gramsci, Norberto Bobbio, Jean-Paul Sartre e, mais recentemente, Blanchot em contexto histórico e que, servem para abrir o debate sobre a função do intelectual como uma atividade atravessada de conflito e de rupturas. Assim, se conceitualmente, o intelectual moderno emerge da resistência ao poder constituído, e conforme estima Bobbio, em *Intelectuais e o poder* (1997), estabelece-se pela atividade reflexiva eminentemente simbólica que envolve

---

<sup>4</sup> Cf. MARCOLINI, Adriana. Relatos de viagem italianos sobre o Brasil: Massimo Bontempelli e Alessandro D'Atri. *Revista de Italianística*. São Paulo, n. IX, 2004. p.75-82.

ideias e reflete sobre as coisas, pode-se considerar que a atividade não é uma via de mão única.

Há que se considerar, entretanto, que esta demarcação a respeito da posição partidária como um referencial de análise deriva das discussões filosóficas-acadêmicas ocorridos após a Segunda Guerra Mundial, confluindo principalmente a um debate politizado derivado dos impasses do conflito mundial. Contudo, a discussão em torno do envolvimento do intelectual nas questões sociais de seu tempo não é nova; ela nasce ainda no século XIX, quando Émile Zola, escritor francês denunciou os atos semitas que se dispunham na condenação do judeu Alfred Dreyfus. O caso Dreyfus tornou-se conhecido graças ao texto *J'Accuse*, uma carta aberta ao Presidente da República Francesa, que o escritor ousou publicar no jornal literário *L'Aurore* e que desafiava o poder vigente quando expunha o escândalo ao público em geral. O escândalo repercutiu socialmente, mas foi em matéria cultural que respingou de maneira duradoura, determinando que os artistas não puderam mais manter-se confinados na “Torre de marfim” como outrora. O teor do compromisso do artista mudou irrevogavelmente: “Quando em 14 de Janeiro de 1898 aparece em Paris, no jornal *L'Aurore*, o *'Manifeste des intellectuales'*, assinado por ilustres escritores como Zola, Anatole France, Proust, por ocasião do *affaire Dreyfus*, o novo termo [intelectuais] já está incorporado e aceito (ainda polemicamente) na acepção até hoje corrente.” (BOBBIO, 1997, p.122).

Bontempelli parece ser fruto deste tempo, pois o mesmo homem empenhado com as tarefas políticas era, também, o homem que carregava um espírito inquieto e irônico, que os críticos resumiram como ambíguo. O escritor é identificado por Guglielmino (1978/I), por exemplo, por seu espírito ambíguo perante as vanguardas italianas, e por Ceserani e De Federicis (1993), por sua atitude irônica diante do fascismo; quiçá não seria uma resposta às acusações de “homem do fascismo”, um ônus que carregou ao longo da vida? Aqueles que se demoraram no estudo de sua obra, a exemplo do italiano Luigi Baldacci, ao examinar as inclinações de sua poética entendem: “*Bontempelli, che fu un funâmbulo solo in apparenza, mantenne con la storia pubblica un rapporto costante, ora in vantaggio ora in perdita.*”<sup>5</sup> (BALDACCI, 2004, p. XV). Tal consideração do pesquisador faz remeter a elementos de sua trajetória que parecem evidenciar o espírito crítico do escritor perante os eventos, muito embora estivesse associado ao Regime.

Assim, pode-se afirmar a participação política de Bontempelli foi um processo constituído de tensões que se estabelecia mediante o conflito de ideias entre as práticas fascistas e suas próprias convicções. O vínculo encerra-se formalmente em 1938, no auge do regime ditatorial, porém, segundo a análise biográfica empreendida por Baldacci, o rompimento foi um processo progressivo que envolvia diversas manifestações do escritor nos

---

<sup>5</sup> “Bontempelli, que foi um equilibrista só de aparência, mantinha com a história pública uma relação constante, ora em vantagem ora em atraso.” [Tradução nossa].

anos precedentes. Contra a política cultural invasiva adotada pelo Regime, em 23 de agosto de 1936, Bontempelli publicou na *Gazzetta del Popolo* de Turim, um artigo intitulado *I soliti spunti*, em que se manifestava contrário ao domínio político sobre a arte; em 29 de junho de 1938, ele publica o artigo *Le rane chiedono tanti re*, em que se confronta com a proposta de instituir um álbum nacional dos críticos de arte autorizados (este artigo receberá comentários positivos em Paris efetuado por meio do periódico “Giustizia e Libertà”); nesse mesmo ano, o escritor recusa a cátedra de Literatura Italiana da Universidade de Firenze, cujo titular Attilio Momigliano, reconhecido crítico de arte, fora afastado por motivos raciais em função das Leis instituídas pelo fascismo. Outro fato que coloca em cheque a imagem de “homem do fascismo” ocorreu em 27 de novembro, quando, no discurso de comemoração oficial de Gabriele d'Annunzio, ele declara publicamente uma crítica ao regime que impunha a “*obbedienza militaresca*” como um costume nacional. Além disso, a publicação da obra *L'Avventura Novecentista*, que reunia os textos críticos que confrontavam com o regime, fora, segundo Baldacci, outra flagrante heresia praticada pelo escritor. Compreende-se que tais ocorrências demonstram que, embora Bontempelli estivesse ligado ao regime, apresentava uma posição crítica e uma relativa autonomia de expressão que, muitas vezes, resultou em atritos com as políticas do regime. Em razão disso, veio o rompimento e a proibição de escrever por um ano. Expulso do partido, foi obrigado a sair de Roma, quando, então, veio a residir

em Veneza, com o Barão Franchetti, ocasião em que fora retirada a carteira de associação partidária.

Constata-se, pois, que a atividade intelectual, concebida na sua acepção mais ampla que inclui os artistas e os romancistas é, sem dúvida, *locus* de conflito. Porém, em matéria de atividade intelectual o conflito parece estar colocado na própria história do país que em fins da década de 1910, debatia-se esfacelado num complexo processo de reconstituição pós-guerra. É neste seio que nasceu o fascismo, o movimento político que se sustentou no poder também graças à política cultural que adotou:

L'avvento del fascismo pose gli intellettuali italiani in una situazione nuova e nella necessità di schierarsi rispetto al regime, di accettarne o respingernela; politica di costruzione del consenso, che fu rivolta anzitutto, come in tutti i regimi di tipo autoritario, alle grandi masse, ma non rinunciò neppure, anche se contraddittoriamente e con spinte diverse, ad attirare nell'orbita delle proprie istituzioni i ceti intellettuali e a garantirsi il sostegno.<sup>6</sup> (CESERANI; DE FEDERICIS, 1993, p. 92).

Ao que apontam os autores, havia uma propulsão pela incorporação dos intelectuais ao fascismo como a alternativa ao alcance de fazer a Itália

<sup>6</sup> “O advento do fascismo colocou os intelectuais italianos em uma situação nova e perante a necessidade de alinhar-se ao regime, de aceitar ou rejeitar; a política de construção do consenso, que se dirigia antes de qualquer coisa, como todos os regimes de tipo autoritário, às grandes massas, porém não renunciou nem mesmo, mesmo que contraditoriamente e com impulsos diversos, a atrair na órbita de suas instituições as classes de intelectuais e assim sustentar-se no poder.” [Tradução nossa].

recolocar-se nos trilhos do progresso. A modernidade, profundamente assentada naquilo que Asor Rosa (2009, p. 208) chamou de *mercificazione del prodotto estetico*<sup>7</sup> que centuplica a rapidez da fruição, ocorrendo com ela, uma análoga aceleração da evolução estilística, no contexto cultural europeu, provocou “inquietude” em uma geração inteira de artistas italianos no início do século XX. As exposições de Ceserani e De Federicis, explicitam bem esta tendência:

Quella del primo ventennio del secolo fu per gli intellettuali italiani l'epoca delle riviste, delle avanguardie, della guerra. In questo periodo i comportamenti tipici degli intellettuali italiani, nell'ambito sociale e politico furono il ribellismo, il sovversivismo e il trasformismo.[...] Il sovversivismo degli intellettuali si manifestò come insoddisfazione dell'esistente e polemica contro l'ordine, la normalità, la burocrazia borghesi; a volte prese il tono di una richiesta radicale di abbattimento e negazione dei vecchi valori e si accompagnò a un progetto di rivoluzione sociale e culturale.<sup>8</sup> (CESERANI; DE FEDERICIS, 1993, p. 80).

Bontempelli, como homem moderno, esteve profundamente envolvido com estes desdobramentos históricos e pareceu dialogar intensamente com os

acontecimentos. Assim, apesar da rivalidade conquistada com fascismo, em fins de 1939, retomou suas atividades jornalísticas, colaborando desde então com o semanal *Tempo* e com o *Corriere della Sera*, além do que, passou a dirigir a revista *Domus*. Neste período de reclusão da atuação partidária, ele escreve a última obra de caráter político *Centomila: dizionario storico enciclopedico di molti italiani d'oggi*, uma publicação que reunia notícias acintosas do regime ditatorial. (BALDACCI, 2004). E, desde então, ele ingressava numa segunda fase em matéria política: iniciara os contatos com a ala comunista italiana. Não sem ônus, é claro, porque fora ameaçado de morte e passara por um período de clandestinidade que o levou inclusive à penúria - junto com a companheira, e também escritora, Paola Masino.

Em 1948, fora eleito Senador pela lista da Frente popular, porém não pode assumir o posto em função do passado fascista que ainda respingava (organizara uma antologia escolástica que a Lei Eleitoral definia como um impeditivo para a assunção do cargo).<sup>9</sup> (BALDACCI, 2004). Nesta ocasião, já contava 70 anos. No ano de 1950, o escritor voltou a residir em Roma onde vive a fase final de sua carreira: publica seu último conto, *Idoli*, no *l'Unità* em fevereiro de 1951 e, em 1953, vence o *Premio Strega*, com seu último livro

<sup>7</sup> “Mercantilização do produto estético.” [Tradução nossa].

<sup>8</sup> “Aquele dos primeiros vinte anos do século foi para os intelectuais italianos a época das revistas, das vanguardas, da guerra. Neste período os comportamentos típicos dos intelectuais italianos, no âmbito social e político foram de rebeldia, de subversão e da transformação. [...] A subversão dos intelectuais se manifestou como insatisfação do existente e polemização contra a ordem, a normalidade, a burocracia burguesa; as vezes com tom de uma reivindicação radical de abatimento e negação dos velhos valores, que acompanhou um projeto de revolução social e cultural.” [Tradução nossa].

<sup>9</sup> Segundo a Lei, não poderiam se candidatar aqueles autores que tivessem publicado livros ou textos didáticos que tivessem conotação de propaganda Fascista, por um período de cinco anos desde a promulgação da Constituição da República. Cf. **Massimo Bontempelli**. Da Wikipedia, l'enciclopedia libera. Disponível em: [http://it.wikipedia.org/wiki/Massimo\\_Bontempelli](http://it.wikipedia.org/wiki/Massimo_Bontempelli) [Acesso em 14/08/2010].



*L'amante fedele*, um conjunto de contos que escrevera imediatamente ao pós-guerra, empregando a poética do *realismo magico*. Desde meados da década de 1950, o escritor adoeceu gravemente vindo a falecer em 1960, em Roma, aos 82 anos de idade. (BALDACCI, 2004).

Para concluir parece pertinente retomar a questão norteadora proposta inicialmente e que problematizava os meandros da inserção política de Bontempelli. Depois desta exposição, será ainda possível considerá-lo sob a ótica do oportunismo ocasional destituído da contrapartida crítica quanto às políticas do regime?

Vale argumentar que ao defrontar-se com os obstáculos na vida cotidiana, o homem revisa suas escolhas à luz de seus objetivos e possibilidades concretização. Essa relação é própria do homem histórico, cuja experiência é decisiva para que se construa como ser social. Na impossibilidade de atingir o âmago da história passada, convém evitar classificações a fim de errar menos. O que se pode observar como traço característico do escritor é o impulso pelo trabalho artístico, o que provavelmente está ligado ao evento político autoritário, que bem soube empreender sobre a matéria, apropriando-se da imagem dos artistas para consolidar-se no poder. Assim, se é possível aventar hipóteses sobre as implicações ideológicas que se colocam nos fatos analisados, podemos ventilar a possibilidade de que Bontempelli tivesse rompido com regime quiçá porque reconhecera a impossibilidade deste valorizar a atividade artística como uma construção cultural, e, ao constatá-lo, tratou de

manifestar-se contra a orquestração ideológica. Poderia ter evitado o confronto se quisesse, mas escolheu não se calar e isso tem sua importância naquele contexto de radicalidade nas práticas autoritárias.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *Estado de Exceção*. Trad. Iraci D. Poleti. São Paulo: Boitempo, 2004.
- ASOR ROSA, Alberto. *Storia europea della letteratura italiana: la letteratura della Nazione*. Vol. III. Torino: Einaudi, 2009. 631 p.
- BALDACCI, Luigi. *Introduzione*. In: BONTEMPELLI, Massimo. *Opere Scelte*. Milano: Arnoldo Mondadori Editore S. p. A., 2004. p. XI-LII.
- BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder*. Duvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea. 2ª Reimpressão. Trad. Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: UNESP, 1997.
- CESERANI, Remo; DE FEDERICIS, Lidia de. *Il materiale e l'immaginario: la società industriale avanzata: conflitti sociali e differenze di cultura*. Torino: Loescher Editore, 1993. 1.531 p. (vol. V).

GUGLIELMINO, Salvatore. *Guida al novecento*: profilo letterario e antologia. Terza edizione ampliata. Milano: Principato Editore, 1978. I parte, 404 p. e, II parte, 839 p.

PETRONIO, Giuseppe. *Racconto del novecento letterario in Italia*: 1890-1940. Milano: A. Mondadori Editore, 2000. 287 p. (Parte I)

TRERÉ, S.; GALLEGATI, G. *Nuovi itinerari nella comunicazione letteraria*. Seconda Edizione. Firenze: Editore Bulgarini, 1985. 1.333 p.